

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Escola de Comunicação e Artes

Curso de Especialização em Estética e Gestão de Moda

CARLA THAIS FARAGE E RODRIGUES

O *tailleur* como Segundo Sexo: análise dos códigos da chamada “roupa de trabalho” para mulheres na política.

São Paulo

2021

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Escola de Comunicação e Artes

Curso de Especialização em Estética e Gestão de Moda

CARLA THAIS FARAGE E RODRIGUES

O *tailleur* como Segundo Sexo: análise dos códigos da chamada “roupa de trabalho” para mulheres na política.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial do curso de especialização em Estética e Gestão de Moda, sob orientação da Profa. Dra. Sheila Canevacci Ribeiro

São Paulo

2021

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial do curso de especialização em Estética e Gestão de Moda, sob orientação da Profa. Dra. Sheila Canevacci Ribeiro

Aprovado em: __/__/__

Banca Examinadora

Prof.: _____ **Instituição:** _____

Julgamento: _____ **Assinatura:** _____

Prof.: _____ **Instituição:** _____

Julgamento: _____ **Assinatura:** _____

Prof.: _____ **Instituição:** _____

Julgamento: _____ **Assinatura:** _____

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo analisar como as ideologias de gênero pautaram a roupa, a moda e a imagem de mulheres que desejam ocupar cargos públicos de poder e como encontrar liberdade em se vestir, se não há roupa neutra e segura para a mulher nestes espaços. Para isso, discute por que aquilo a que chamamos “roupa de trabalho” obedece a códigos que ainda tentam adaptar a roupa masculina, o que faz do tailleur, versão do terno, o equivalente, na moda, à mulher como o segundo sexo.

Palavras-chave: roupa de trabalho; gênero; mulher; política.

ABSTRACT

This research paper seeks to analyse how gender ideologies guided the clothes, the fashion and the image of women who desire to occupy public positions of power and how it's possible to find freedom in dressing, if there is no neutral and safe clothing for women in these spaces. For this, the work discusses why what we call “work clothes” obeys codes that still try to adapt to men's clothes, which makes *tailleur*, a version of the men's suit, the equivalent, in fashion, of the woman as the second sex.

Keywords: work clothes; genre; woman; policy.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Coleção de <i>tailleurs</i> de Margaret Thatcher	14
Imagem 2 – Margaret Thatcher	15
Imagem 3 – Rainha Elizabeth II	15
Imagem 4 – Margaret Thatcher	16
Imagem 5 – Rainha Elizabeth II	16
Imagem 6 – Dilma Rousseff	20
Imagem 7 – Enquete da Uol: “ <i>Roupa da posse de Dilma: você gostou ou não?</i> ” ...	20
Imagem 8 – Posse de Dilma Rousseff, em 2015	21
Imagem 9 – Manchete do portal da Revista Exame: “ <i>Os melhores tuites sobre o vestido de Dilma na posse</i> ”	21
Imagem 10 – Manchete do portal Globo.com: “ <i>Roupa de Dilma Rousseff na posse de segundo mandato vira piada na web</i> ”	22
Imagem 11 – Manchete do portal do jornal Correio Braziliense: “ <i>Modelito sóbrio usado por Dilma Rousseff em posse agrada a estilistas</i> ”	22
Imagem 12 – Manchete do portal R7: “ <i>Quase uma semana após a posse, roupas de Dilma e ministras ainda repercutem. Reveja os looks escolhidos</i> ”	23
Imagem 13 – Manchete do portal da Revista Veja: “ <i>Dilma perdeu 5kg para a posse e escolheu traje de renda</i> ”	24
Imagem 14 – Jair Bolsonaro e Michelle Bolsonaro na posse presidencial de 2019.....	24
Imagem 15 – Lula e a então primeira-dama Marisa na posse presidencial em 2007.....	25
Imagem 16 – Carme Chacón na Páscoa Militar, em 2009	26
Imagem 17 – Manchete do portal de notícias espanhol Libertad Digital, em 7 de janeiro de 2010: “ <i>O traje de Chacón na Páscoa Militar, centro da polêmica: a roupa da ministra da Defesa protagonizou os atos da Páscoa Militar por dois anos consecutivos</i> ”	26
Imagem 18 – Carme Chacón em sua posse como Ministra da Defesa da Espanha ..	26
Imagem 19 – Modelo de toga, código de vestimenta para juízes em diversos países do mundo	28

Imagens 20, 21 e 22 – Filme “Uma secretária de futuro”, de Mike Nichols, em 1989, que mostra a ascensão profissional da personagem de Melanie Griffith na Bolsa de Valores de Nova Iorque	30
Imagem 23 – Victoria Beckham em <i>look</i> preto	31
Imagem 24 – <i>Look</i> preto em fotografia de estilo de rua	31
Imagem 25 – Giovanna Bataglia	32
Imagem 26 – Emma Watson	32
Imagem 27 – Joana D’Arc no cerco de Orleães (1886-1890), por Jules Eugène Lenepveu	33
Imagens 28 e 29 – Vestidos da Era Vitoriana	34
Imagem 30 – Ciclista francesa final do século XIX	35
Imagem 31 – Homem francês na década de 1940	36
Imagem 32 – <i>Power dressing</i> em página de revista na década de 1980	37
Imagens 33, 34 e 35 – Gia Carangi em campanhas publicitárias de Giorgio Armani na década de 1980	38
Imagens 36 e 37 – Amal Alamuddin Clooney, advogada, <i>barrister</i> e ativista pelos direitos humanos	39
Imagem 38 – Desfile de smoking da Yves Saint Laurent em 2001	40
Imagem 39 – Barack Obama	41
Imagem 40 – Jair Bolsonaro	41
Imagem 41 – Boris Johnson	41
Imagem 42 – Príncipe Philip	41
Imagem 43 – Nicolas Sarkozy	42
Imagem 44 – François Hollande	42
Imagem 45 – Hugo Chávez	42
Imagem 46 – Justin Trudeau	42
Imagem 47 – Manuela d’Ávila e Guilherme Boulos	44
Imagem 48 – Guilherme Boulos em passeata de campanha em 2020	44
Imagem 49 – Guilherme Boulos em campanha em 2020	44
Imagem 50 – Manuela d’Ávila em 2020	44
Imagem 51 – Manuela d’Ávila, em 2018	45
Imagem 52 – Manuela d’Ávila, em 2020	45
Imagem 53 – Manchete do portal de notícias pleno.news: “ <i>Sem foice e martelo: Manuela adota visual conservador</i> ”	45

Imagem 54 – Trecho de um tuíte comentando a aparência de Manuela nos materiais da campanha de 2020	45
Imagens 55, 56, 57 e 58 – Outros tuítes sobre a aparência de Manuela d'Ávila em 2020	46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - <i>TAILLEUR</i>, O SEGUNDO SEXO	13
CAPÍTULO 2 - TERNO, HOMEM, POLÍTICA	28
CAPÍTULO 3 - UM MANIFESTO	43
CONCLUSÃO	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48

*“Que a liberdade seja nossa própria substância,
já que viver é ser livre.”.*

Simone de Beauvoir

INTRODUÇÃO

A equação mental que acompanha uma mulher ao escolher uma roupa para trabalhar é muito mais complexa do que parece. A princípio, poderíamos pensar que a roupa de trabalho é escolhida com base no conforto individual, estilo pessoal e *dress code*¹, mas não, não é só isso. A principal preocupação feminina está em como se adaptar (ou seria se camuflar?) ao ambiente. Como parecer competente o suficiente para ser ouvida, mas também discreta na medida para garantir que não será assediada? Qual a roupa que irá fazer com que essa mulher consiga trabalhar sem precisar justificar as cores e as modelagens que ela escolheu usar naquele dia? Qual é o look ideal para que a roupa não seja um assunto, não ocupe espaço, não cause desconforto, não infrinja o *dress code* – que atualmente não é composto mais de uma lista fechada e direta, e sim uma sensação visual complexa e intangível?

A equação fica ainda mais complexa quando pensamos que a roupa de trabalho de uma mulher que concorre ou assume um cargo político será julgada não só pelo seu chefe ou empresa. Uma mulher que escolhe esse caminho profissional será julgada e analisada por jornais, revistas, eleitores, homens, mulheres, em toda e qualquer situação. E essa é uma discussão especialmente feminina, já que, no mercado de trabalho, nos espaços públicos, nos cargos de poder, são os homens que ditam as regras e que compõem sem nenhuma resistência o referencial padrão.

A masculinidade é a medida e isso se estende para a roupa: se o terno é o parâmetro, é o esperado, é o que consideramos “*dress-code* profissional”, fazendo alusão à Simone de Beauvoir², a roupa de trabalho feminina é o segundo sexo e só existe em função da roupa masculina.

A roupa de trabalho feminina, como é conhecida hoje no imaginário coletivo, surge justamente da necessidade de criar uma roupa para que mulheres ocupem espaço de poder na política – até então o comum era que elas ocupassem um espaço

¹ Termo que designa um código de vestimenta em um determinado contexto, uma maneira considerada adequada para se vestir em determinada ocasião.

² Simone de Beauvoir (1908-1986) foi uma filósofa, feminista, ativista política e escritora francesa. Suas obras abordam teoria social e teses do existencialismo, principalmente em questões relacionadas às mulheres.

de adorno, como primeira-dama. Para criar um contraponto a esse “look decorativo”, é criada, nos anos 80, uma versão do terno adaptada ao corpo feminino: o *tailleur*. E ele já nasce fazendo referências ao ideal profissional, o terno masculino.

Por isso, vou considerar, neste trabalho, o *tailleur* como sendo o segundo sexo quando falamos de roupa de trabalho: sem condições de existir em valor absoluto e sem o referencial masculino, ele jamais alcança o poder e a neutralidade deste. Também por isso, optei por começar o estudo pelo que, inicialmente, seria o segundo capítulo – justamente esse aprofundamento em relação ao *tailleur* e seu espaço simbólico no *dress code* profissional.

CAPÍTULO I - *TAILLEUR*, O SEGUNDO SEXO³

É no início dos anos 80 que John T. Molloy, autor do *bestseller* “*Dress for Success*” (“vestindo para o sucesso”, em tradução livre), que disseminou oficialmente a ideia de que o jeito como nos vestimos afeta diretamente o sucesso ou o fracasso na carreira, cunhou o termo “*power dressing*”. Assim foi como ele chamou a roupa que a mulher deveria usar para ocupar cargos tradicionalmente masculinos. Para as mulheres, o *power dressing* nada mais era que deixar elementos femininos fora da roupa e adaptar para o corpo feminino o *dress code* masculino, ou seja, o terno. A princípio, o *power dressing* foi inventado justamente para as mulheres que desejavam ocupar cargos políticos.

É importante perceber, contudo, que o *power dressing* para uma mulher da política que é eleita ao parlamento ou é nomeada para ocupar um ministério não é e nem nunca foi igual ao código de vestimenta de uma primeira-dama. Apesar das responsabilidades sociais que o cargo de primeira-dama em geral carrega, é importante ressaltar que ela é, por definição, a acompanhante feminina. No Brasil, o cargo sequer é reconhecido oficialmente, não integra a administração federal e não recebe salário. Trocando em miúdos, o cargo de primeira-dama não pode ser considerado um trabalho, ele apenas reforça um espaço tradicionalmente feminino, o espaço de trabalho invisível, de acompanhante, de coadjuvante. Ou, como bem escreveu Virginia Woolf (2014), “as mulheres serviram todos esses séculos como espelhos possuindo o poder de refletir a figura do homem duas vezes maior que o seu tamanho natural.”.

Portanto, quando falamos de como se espera que uma mulher com projeção política se vista, é importante ressaltar de qual mulher estamos falando: da que reforma o espaço feminino socialmente aceito – a primeira-dama – ou da mulher que está disposta a concorrer a cargos de poder tradicionalmente masculinos? As expectativas sobre elas são completamente diferentes. A ideia é que a primeira dama vista-se com todos os códigos femininos e que se comporte como coadjuvante. Já a

³ Título de um dos livros mais importantes de Simone de Beauvoir, o conceito de "segundo sexo" é desenvolvido pela autora nessa obra, que é considerada uma espécie de tratado, por sua análise detalhada, sobre a opressão sofrida historicamente pelas mulheres.

mulher que se torna deputada, senadora, prefeita ou presidenta deve carregar em si códigos masculinos de vestimenta. Isso nos mostra que não estamos mais falando só sobre o gênero, mas também sobre a posição de poder que cada mulher pretende ocupar: protagonista ou coadjuvante. Se o objetivo é ocupar “lugares masculinos”, a regra é se vestir como eles, quase como se a roupa pudesse fazer o ambiente nos perdoar por sermos mulheres e não homens. Uma outra possível leitura é que a roupa faz o papel de sublinhar a inadequação: você não deveria ocupar esse cargo, mas, já que está aqui, aja como o referencial, o masculino.

Seguindo essa ideia de as mulheres se vestirem mais como os homens, foi criado o *tailleur* – e ninguém ilustra melhor esse tempo e *look* que Margaret Thatcher. A primeira-ministra inglesa adotou não apenas o *tailleur*, como também treinou para engrossar a sua voz, considerada aguda demais para conseguir imprimir poder e respeito. Assim como acontece ainda nos dias de hoje, a pouca representatividade feminina na política e a associação esperada entre homens e poder pela repetição à exaustão do mesmo código masculino, “vestir-se como um homem” era apenas um jeito de comunicar visualmente ser tão poderosa – e também competente e respeitável – quanto eles.



Imagem 1: Coleção de *tailleurs* de Margaret Thatcher⁴

⁴ Disponível em <http://fashion.telegraph.co.uk/news-features/TMG9519524/Margaret-Thatchers-suits-sell-for-ten-times-auction-estimate.html>. Acesso em: 10 de setembro de 2021.

Margaret Thatcher é um excelente exemplo porque ela foi, possivelmente, uma das mulheres mais poderosas do mundo e também constantemente preocupada em governar como um homem. Não à toa, sua roupa reflete esse ideal “segundo sexo”, e sempre faz referência ao universo masculino - o *tailleur* sempre impecável, estruturado, e gravata feminina, fazendo uma clara referência ao terno; tudo isso sem perder de vista sua porção feminina, imprescindível para ocupar o lugar de dama, ainda que fosse uma “dama de ferro”.

Margaret Thatcher nunca abriu mão das joias, bolsas, cores e sempre pagou um preço alto por isso. Suas roupas seguem sendo assunto, seus hábitos sempre foram questionados, e até mesmo na dramaturgia a maneira como ela se vestia é sempre rechaçada. Em “*The Crown*”, há todo um episódio reservado a dizer como a Rainha a achava visualmente inadequada. Ela foi criticada tanto por ser visualmente muito rígida, quanto muito perua e cafona. A Margaret nunca foi dado o direito de se divertir com a roupa.



Imagem 2: Margaret Thatcher⁵



Imagem 3: Rainha Elizabeth II⁶

⁵ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Margaret_Thatcher. Acesso em: 10 de setembro de 2021.

⁶ Disponível em: <https://mapadelondres.org/perguntas-e-respostas-sobre-a-rainha-elizabeth-ii/>. Acesso em: 10 de setembro de 2021.

Analisando seus looks, porém, é possível ver como ela sempre colocou alguma irreverência no vestir. De maneira sutil e sem sequer se aproximar de questionar o *dress code* vigente, Margaret Thatcher deixou pistas de que, se pudesse, talvez tivesse escolhido usar mais cores, mais estampas, assim como fazia a Rainha – que ocupa um lugar de líder e poder simbólico, não executivo. Para concluir, Margareth Thatcher é a personificação da analogia ao segundo sexo: o seu vestir existe em função do vestir masculino, mas sem perder de vista códigos femininos, já que o esperado é que ela siga sendo mulher, sem travestismos.



Imagem 4: Margaret Thatcher⁷



Imagem 5: Rainha Elizabeth II⁸

Por isso, é fundamental entender que a roupa é apenas uma consequência do restante. Todo e qualquer símbolo que remete ao feminino precisa e deve ser mudado, escondido, negado. Inclusive a maneira de governar. Se, durante séculos, o único formato de gestão foi o masculino – violento e autocentrado –, é também natural que as primeiras mulheres a assumirem o poder reforcem esse modelo e se moldem para parecer como todos os homens que vieram antes. É natural que, para se manter no poder, Margareth Thatcher tivesse que ser rígida e mudar o tom de voz. Vale lembrar que as críticas feitas a ela sempre passaram pelo gênero.

⁷ Disponível em: <https://www.vogue.it/en/people-are-talking-about/obsession-of-the-day/2011/04/power-dressing#ad-image72606>. Acesso em: 10 de setembro de 2021.

⁸ Disponível em: <https://celebanswers.com/what-makeup-does-queen-elizabeth-ii-wear/>. Acesso em: 10 de setembro de 2021.

Um bom exemplo aconteceu em 1976 quando o chanceler alemão Helmut Schmidt reclamou publicamente “*she is a bitch, she is tough, she lacks scope and cannot lead*”, o que, em livre tradução, seria “ela é uma vadia, ela é durona, ela não tem escopo e não pode liderar”⁹. A partir disso, é possível concluir que é aí que mora o principal problema quando nos propomos a pensar no binômio mulher e roupa de trabalho: não existe nenhuma roupa no armário feminino que tenha a força, o poder e a neutralidade do terno masculino. Nem mesmo o *tailleur* – considerado a versão feminina do terno; nem o terno masculino quando vestido por uma mulher. Não há, não existe. O terno masculino é a forma como se veste o poder no imaginário coletivo, nos filmes, nas séries de tevê, nas propagandas, nas empresas, na presidência da república, na ONU e em todo e qualquer espaço de poder ocidental.

Todo mundo sabe que as roupas constituem um fenômeno social; mudanças no vestuário são mudanças sociais. E mais, diz-se que transformações políticas e sociais refletem-se no vestuário; mas, como os ternos masculinos permaneceram virtualmente os mesmos há 200 anos, sua continuidade deve ilustrar alguma coisa. (HOLLANDER, 1996).

E ilustram. Se a roupa de trabalho permanece a mesma, isso significa que as posições de poder no ambiente público de poder continuam, de fato, muito parecidas. E, para não ser leviana, trago alguns dados para embasar a discussão.

Nos Estados Unidos, por exemplo, apenas 2% das empresas lideradas por mulheres geram mais de US\$1 milhão em receitas anuais. Um estudo com empresas norte-americanas conseguiu identificar uma das causas: investimento desigual por parte de instituições financeiras. Menos de 10% das empresas lideradas por mulheres recebem investimento externo. Estimativas demonstraram que, se essas mesmas organizações recebessem uma ajuda financeira igual às dos negócios dirigidos por homens, seis milhões de empregos seriam gerados em apenas cinco anos. Estudos revelam que, nos primeiros anos depois de entrarem em uma empresa, cerca de 60% das mulheres apresentam uma vontade de subir de cargo, mas esse número cai pela

⁹ <https://www.thedailybeast.com/margaret-thatcher-the-accidental-feminist>. Acesso em: 09 de agosto de 2021.

metade à medida que os anos vão passando e elas não têm suas habilidades reconhecidas¹⁰.

Segundo uma matéria de 2020 do Jornal Estado de Minas, um estudo feito pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) e pela ONU Mulheres “mostra que o País [Brasil] registra os mais baixos índices de representatividade feminina e de paridade política entre os sexos na comparação com os seus vizinhos da América Latina”. Mesmo as empreendedoras tendo mais estudo, ganham 22% a menos que os homens e o salário tem um rendimento mensal médio de R\$1831,00. O maior motivo dessa diferença está ligado à maternidade e à família. As mulheres se dedicam por 30,8 horas por semana nos negócios; já para os homens, esse tempo aumenta para 37,5. 79% das mulheres entrevistadas também dividem esse tempo com os serviços domésticos¹¹.

Por fim, essa disparidade fica ainda mais clara quando olhamos para os dados do Brasil no pós-pandemia. Até 2020, entre as mulheres ativas no Brasil, apenas 52% estava inserida no mercado de trabalho – e esse número, que já era baixo, apresentou uma queda enorme em 2020 por causa da pandemia da Covid-19. Segundo o IBGE, no início de 2021, apenas 45.8% das mulheres ocupavam espaço na força de trabalho, enquanto 65,7% dos homens conseguiram se manter no mercado durante a maior crise sanitária do século. E esses números refletem diretamente o status social do trabalho: em qualquer crise, em qualquer instabilidade, quem é empurrada de volta para o ambiente doméstico são as mulheres. Diana Gonzaga, economista da UFBA, defende que “a pandemia vem penalizando triplamente as mulheres”, porque “além das questões que afetam todos os grupos, como perda de renda e emprego, cai sobre elas grande parte dos cuidados com filhos e casa”¹².

¹⁰ <http://m.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/os-desafios-da-mulher-empREENDEDORA>. Acesso em: 09 de agosto de 2021.

¹¹ <https://exame.abril.com.br/negocios/jp/mulheres-empREENDEM-mais-do-que-os-homens-e-ganham-menos-diz-pesquisa/>. Acesso em: 09 de agosto de 2021.
<https://exame.abril.com.br/pme/7-a-cada-10-mulheres-buscaram-o-empREENDEDORISMO-por-conta-da-maternidade/>. Acesso em: 09 de agosto de 2021.
<https://revistapegn.globo.com/Mulheres-empREENDEDORAS/noticia/2015/02/4-diferencas-entre-mulheres-e-homens-ao-empREENDER.html> Acesso em: 09 de agosto de 2021.

¹² <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/02/pandemia-deixa-mais-da-metade-das-mulheres-fora-do-mercado-de-trabalho.shtml>. Acesso em: 09 de agosto de 2021.

Olhando para esses dados, é impossível não concluir que o problema com a roupa de trabalho da mulher reflete, na verdade, um problema anterior: não existe ainda um lugar seguro e bem aceito para que mulheres ocupem cargos de destaque e poder em nenhum segmento da economia, mas, sobretudo, em cargos políticos. Se a representatividade feminina segue sendo um problema no mercado de trabalho, é óbvio e natural que a roupa reflita isso: você não pertence a esse ambiente, logo, nada do que você vestir será bom o suficiente.

Se os homens seguem sendo donos do espaço público, é também razoável pensar que cabe a eles dizer o que é sóbrio, elegante, cabível e esperado da vestimenta de trabalho. A roupa, principalmente no cenário político, aparece como um reflexo de uma afirmação anterior: homens e mulheres partem de lugares totalmente diferentes quando pensamos o trabalho remunerado, de destaque, e, sobretudo, os cargos de liderança oficiais e, se é assim, especialmente no ambiente político, é natural que a nossa leitura sobre a adequação de cada um deles também seja diferente.

Para contextualizar esse desconforto, vou começar analisando o cenário contemporâneo político brasileiro. Dos 38 presidentes que o país já teve – contabilizando tanto os que foram eleitos pelo voto quanto os que não foram – apenas uma pessoa nesse grupo era mulher. A única mulher que ocupou o maior cargo de poder do país não conseguiu terminar o segundo mandato, foi impeachmada e obrigada a desocupar o cargo da presidência. Durante seus anos de mandato como presidenta, Dilma Rousseff foi extremamente hostilizada e questionada pelas roupas que escolheu vestir.

Segundo uma matéria na revista Exame, em fevereiro de 2014, “considerada um pouco desleixada e nada afeita aos detalhes quando se tratava de moda, Dilma Rousseff já foi alvo de críticas pela sua maneira de se vestir antes de alcançar o mais alto posto de poder do país. Depois que chegou lá, no Planalto, a presidente ainda foi contestada pelo PSDB por usar a cor de seu partido, o PT, em um pronunciamento.”¹³.

¹³ <https://exame.com/brasil/todos-os-terninhos-da-presidente-a-dilma-em-fotos/>. Acesso em: 09 de agosto de 2021.



Imagem 6: Dilma Rousseff¹⁴

Em uma matéria no Estado de São Paulo, a colunista comenta a roupa da posse da reeleição da presidenta: “a maquiagem leve, o cabelo bem-arrumado e os brincos de pérola deram toques de feminilidade para o look – apesar da modelagem solta em A não favorecer em nada a sua silhueta”. Na Uol, teve até enquete: “você gostou da roupa da Dilma para a posse?”¹⁵.

ANK PAGSEGURO CURSOS BUSCA B

IBILIDADE JORNAL DIGITAL

ÚLTIMAS NOTÍCIAS SORTEIO GALERIA

Roupa da posse de Dilma: você gostou ou não?

MIRELLA MARTINS
Publicado em 01/01/2015 às 16:55

COMPARTILHE:

Imagem 7: Enquete da Uol: “Roupa da posse de Dilma: você gostou ou não?”¹⁶

¹⁴ Disponível em: <https://apublica.org/2016/08/truco-de-olho-semana-de-expectativa-para-votacao-final-do-impeachment/>. Acesso em: 10 de setembro de 2021.

¹⁵ <https://jc.ne10.uol.com.br/social1/2015/01/01/roupa-da-posse-de-dilma-voce-gostou-ou-nao/index.html>. Acesso em: 09 de agosto de 2021.

¹⁶ idem.



Imagem 8: Posse de Dilma Rousseff, em 2015¹⁷

Já a Folha destacou que “A silhueta em "A" da parte de cima da roupa esconderam (*sic*) os quilos extras da presidente, que antes de assumir a presidência costumava usar looks de alfaiataria, mais sisudos e sóbrios.”¹⁸. Nunca, em nenhuma outra posse, a roupa do líder do país foi tão discutida. Dilma era considerada dura e sisuda quando usava alfaiataria. Gorda e desajeitada quando usou renda. Desleixada por uns e questionada por outros por não ter divulgado publicamente o valor da roupa usada na posse.

Home → Brasil → Os melhores tuítes sobre o vestido de Dilma na posse

BRASIL

Os melhores tuítes sobre o vestido de Dilma na posse

Segundo a revista Veja, Dilma já teria perdido cinco quilos (a meta é de 13kg), mas o vestido teria evidenciado a silhueta em "A" da presidente

Por **Mariana Fonseca**
Publicado em: 02/01/2015 às 12h58
Tempo de leitura: 2 min

[WhatsApp](#) [LinkedIn](#) [Facebook](#) [Twitter](#) [Email](#) [Print](#)

Imagem 9: Manchete do portal da Revista Exame: “Os melhores tuítes sobre o vestido de Dilma na posse”¹⁹

¹⁷ Disponível em: <http://www.atrfb.org.br/blog/diap-o-servidor-publico-e-o-segundo-governo-dilma/possedilma-rousseff/>. Acesso em: 10 de setembro de 2021.

¹⁸ <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/01/1569634-dilma-quis-mostrar-ousadia-estetica-mas-nao-disfarcou-incomodo-com-look-rendado.shtml?origin=folha>. Acesso em: 09 de agosto de 2021.

¹⁹ Disponível em: <https://exame.com/brasil/roupa-de-dilma-rousseff-na-posse-chama-a-atencao-no-twitter/>. Acesso em: 10 de setembro de 2021.

publicada em 1/1/2015 | atualizada em 1/1/2015

Roupa de Dilma Rousseff na posse de segundo mandato vira piada na web

A presidente teve seu vestido comparado a uma capa de botijão de gás em montagem compartilhada em redes sociais nesta quinta-feira, 1.

do EGO, no Rio



Imagem 10: Manchete do portal Globo.com: “Roupa de Dilma Rousseff na posse de segundo mandato vira piada na web”²⁰

POLÍTICA

Modelito sóbrio usado por Dilma Rousseff em posse agrada a estilistas

Especialistas em moda avaliam que Dilma escolheu uma roupa discreta para evitar qualquer associação a bandeiras políticas. Já Marcela Temer preferiu um conjunto mais delicado

FD Flávia Duarte

Postado em 02/01/2015 07:38

Entre as singularidades de se ter uma presidente mulher está justamente no fato de que, além do comportamento, do discurso e das decisões políticas de quem comanda o país, a roupa dela é item certo para atrair os holofotes, especialmente na hora da posse. No primeiro dia do seu segundo mandato, Dilma Rousseff escolheu um figurino de blusa de mangas longas e sai abanando dois joelhos, analisou as peças em renda off-white, com uma nuance rosada. A sobriedade do modelo e a neutralidade da cor foram tidas como acertadas pelo público e por especialistas de moda.

Seções Q CORREIO BRAZILIENSE

Assine a nossa newsletter

Digite seu endereço de e-mail para acompanhar as notícias diárias do Correio Braziliense.

Digite seu email...

INSCREVA-SE

Imagem 11: Manchete do portal do jornal Correio Braziliense: “Modelito sóbrio usado por Dilma Rousseff em posse agrada a estilistas”²¹

²⁰ Disponível em: <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2015/01/roupa-de-dilma-rousseff-na-posse-de-2-mandato-vira-piada-na-web.html>. Acesso em: 10 de setembro de 2021.


²¹ Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2015/01/02/interna_politica,464386/modelito-sobrio-usado-por-dilma-rousseff-em-posse-agrada-a-estilistas.shtml. Acesso em: 10 de setembro de 2021.

Quase uma semana após a posse, roupas de Dilma e ministras ainda repercutem. Reveja os looks escolhidos

Vice primeira-dama e filha de Dilma foram destaques

BRASIL | Do R7
06/01/2015 - 23H10

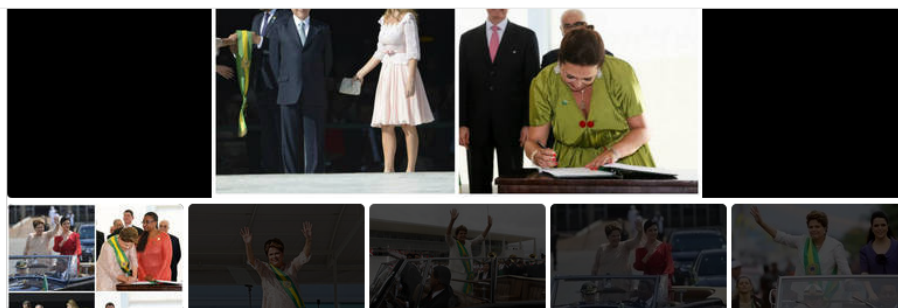
COMPARTILHE:    

 A- A+



Pushnews

BRASIL | Quase uma semana após a posse, roupas de Dilma e ministras ainda repercutem. Reveja os looks escolhi



Quase uma semana após a posse presidencial, que aconteceu na última quinta-feira (1º), os modelos usados pela presidente, pela sua filha Paula, pela mulher do vice-presidente, Marcela Temer, e pelas ministras ainda repercutem nas redes sociais e nas rodas de conversa dos brasileiros

Montagem R7

Imagem 12: Manchete do portal R7: “*Quase uma semana após a posse, roupas de Dilma e ministras ainda repercutem. Reveja os looks escolhidos*”²²

²² Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/fotos/quase-uma-semana-apos-a-posse-roupas-de-dilma-e-ministras-ainda-repercutem-reveja-os-looks-escolhidos-07012015>. Acesso em: 10 de setembro de 2021.



Imagem 13: Manchete do portal da Revista Veja: “Dilma perdeu 5kg para a posse e escolheu traje de renda”²³

Ser mulher e ocupar um cargo público é estar sempre com a roupa errada, não importa a roupa que você use. Fiz a mesma pesquisa considerando o atual presidente, Jair Bolsonaro, e o companheiro de partido da presidenta Dilma, Luiz Inácio Lula da Silva. A respeito da roupa usada por Jair Bolsonaro na posse em 2019, há apenas a mesma notícia vinculada por todos os portais de notícia: a exposição feita com os looks usados por ele e a esposa. A única coisa que se fala sobre o terno é que ele foi confeccionado de graça pelo alfaiate do presidente. Não há uma análise de moda, ninguém questiona o caimento, as cores, a barra, a gravata larga.



Imagem 14: Jair Bolsonaro e Michelle Bolsonaro na posse presidencial de 2019²⁴

²³ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/dilma-perdeu-5-kg-para-posse-e-escolheu-traje-de-renda/>. Acesso em: 10 de setembro de 2021.

²⁴ Disponível em: <https://www.folhape.com.br/politica/bolsonaro-faz-evento-no-planalto-para-expor-roupas-que-ele-e-michelle/164903/>. Acesso em: 10 de setembro de 2021.

Quando falamos de Lula, o primeiro resultado no Google conta que o terno que ele usou na posse foi arrematado em um leilão por 500 mil reais. Outro já fala do look que a sua esposa usou na posse de primeira-dama. Não achei com facilidade ninguém que analisasse os quilos a mais do presidente Lula, por exemplo. Ninguém achou chique ou cafona, não há sequer uma menção sobre o estilo do presidente.



Imagem 15: Lula e a então primeira-dama Marisa na posse presidencial em 2007²⁵

É possível também pensar que, se uma mulher se vestir literalmente "como um homem", ou seja, de terno, o assunto roupa não será mais um tema e, novamente, isso não acontece.

Em 2009, Carme Chacón, então primeira mulher Ministra da Defesa da Espanha, grávida, foi também a primeira mulher em trezentos anos a fazer um discurso para o Rei. O assunto? O terno usado por ela. Chacón foi hostilizada pela imprensa e, segundo o jornal El País, o terno era protocolarmente aceito para o evento.

²⁵ Disponível em: <https://pt.org.br/advogados-de-dona-marisa-desmentem-noticias-falsas-sobre-cdbs/>. Acesso em: 10 de setembro de 2021.



Imagem 16: Carme Chacón na Páscoa Militar, em 2009²⁶

El traje de Chacón en la Pascua Militar, centro de la polémica

La indumentaria de la ministra de Defensa protagonizó los actos de la Pascua Militar durante dos años consecutivos.

Imagem 17: Manchete do portal de notícias espanhol Libertad Digital, em 7 de janeiro de 2010: “*O traje de Chacón na Páscoa Militar, centro da polémica: a roupa da ministra da Defesa protagonizou os atos da Páscoa Militar por dois anos consecutivos*”²⁷



Imagem 18: Carme Chacón em sua posse como Ministra da Defesa da Espanha²⁸

²⁶ Disponível em: <https://smoda.elpais.com/moda/carme-chacon-la-ministra-desafio-al-machismo-unos-pantalones/>. Acesso em: 10 de setembro de 2021.

²⁷ Disponível em: <https://www.libertaddigital.com/espana/2014-01-06/el-traje-de-chacon-en-la-pascua-militar-centro-de-la-polemica-1276507632/>. Acesso em: 10 de setembro de 2021.

²⁸ Disponível em: <https://observador.pt/2017/04/10/carme-chacon-e-a-foto-iconica-de-uma-ministra-gravida-a-passar-revista-as-tropas/>. Acesso em: 10 de setembro de 2021.

Resumindo, não há roupa ideal para que uma mulher ocupe um cargo de poder. Não há nenhuma coordenação capaz de passar ilesa, de não se tornar assunto, de não roubar o protagonismo. A função de equalizar anos de desigualdade de gênero não será exercida pela roupa, nem mesmo quando uma mulher se propõe a cumprir todo o código de neutralidade, ou seja, se apropriar de peças tradicionalmente masculinas, ela irá ocupar um espaço de poder sem que o seu vestir seja questionado.

CAPÍTULO 2 - TERNO, HOMEM, POLÍTICA

Considerando uma definição do senso comum, vestir-se significa colocar uma roupa. Nessa concepção simples, entende-se que todo mundo se veste diariamente e, então, isso sequer seria uma questão. Na sociedade em que vivemos hoje, ninguém sai de casa pelado; por lei, precisamos das roupas. Entretanto, vestir-se não significa a mesma coisa para todas as pessoas, nem para cada contexto. Vestir-se está ligado diretamente aos códigos socioculturais de cada lugar geográfico e das culturas, cada ambiente simbólico.

Colocar uma roupa significa, muitas vezes, a vontade de pertencimento e identificação – fato visível na adolescência metropolitana, por exemplo. Muitas vezes o pertencimento acontece também na vida profissional – o médico que usa branco, o juiz que veste toga, o padre que veste batina. O que vestimos muitas vezes ajuda a definir quem somos e o que fazemos. Compor um look, escolher uma peça de roupa em detrimento de outra, preferir uma cor, um caimento, uma modelagem... nada disso é aleatório. Nenhuma roupa é vazia de significado, ninguém consegue se isentar de escolher. Por outro lado, é raro e incomum que uma roupa tenha significado tão sólido que esse valor não se altere à medida que o mundo e a sociedade mudem. Há pouquíssimas exceções e uma delas é justamente o terno masculino.



Imagem 19: Modelo de toga, código de vestimenta para juízes em diversos países do mundo²⁹.

²⁹ Disponível em: <https://www.rdnews.com.br/policia/acusada-de-aplicar-mais-de-20-golpes-ao-se-passar-por-juiza-acaba-presa/77680>. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

A ideia aqui não é me alongar em discutir a roupa e seus significados, mas é importante contextualizar que a roupa é preenchida de signos visuais e que mesmo que, a princípio, percebam-se apenas linhas, formas e cores, em seguida, sem que seja preciso se esforçar, o nosso cérebro imprime significado para aquela imagem. É também natural concluir que o significado que cada pessoa imprime está permeado pelo contexto social, cultural, familiar. Segundo Barthes (2005), esse é um fluxo mental incontável. Vale pensar também que, se cada pessoa traz consigo referências muito próprias e pessoais (como cores que remetem a experiências vividas e necessidades individuais de conforto, por exemplo), de maneira geral, o que achamos bonito ou feio, aceitável ou execrável, sexy ou decepcionante, tudo isso é uma construção social coletiva. São séculos de repetições visuais, de associações de determinadas imagens a um comportamento.

Sendo assim, nossa forma de vestir é também carregada de determinantes culturais de que, nem sempre, nos damos conta. A nossa escolha nunca é isenta de contexto político e social. Quem somos e como queremos ser lidos tem impacto direto na nossa roupa. Como fomos alfabetizados visualmente faz imensa diferença em como escolhemos os códigos do vestir para cada situação da nossa vida. Segundo Diana Crane (2006),

A escolha do vestuário propicia um excelente campo para estudar como as pessoas interpretam determinada forma de cultura para seu próprio uso, forma essa que inclui normas rigorosas sobre aparência que se considera apropriada num determinado período (o que é conhecido como moda), bem como uma variedade de alternativas extraordinariamente rica. Sendo uma das mais evidentes marcas de status social e gênero - útil, portanto, para manter ou subverter fronteiras simbólicas [...].

E, quando afunila-se a conversa e pensamos em como as pessoas se vestem para trabalhar, falamos de conforto, mobilidade, tendência, cores, estilo, *dress code* e até mesmo de lei: o que é permitido em cada ambiente? Mulher pode usar calça no Congresso? Falamos também de adequação e o que é apropriado para cada ambiente. Recapitulando, juízes de direito vestem toga, padres vestem batina, médicos vestem branco e homens de poder vestem terno. E, assim, através da repetição e das associações, constrói-se o nosso imaginário de vestimenta para o trabalho. E essa

construção não é boa ou ruim, *per se*, mas é importante ser percebida como isso: uma construção.



Imagens 20, 21 e 22: Filme “Uma secretária de futuro”, de Mike Nichols, em 1989, que mostra a ascensão profissional da personagem de Melanie Griffith na Bolsa de Valores de Nova Iorque³⁰.

Nenhuma peça de roupa tem ou terá um significado fixo e estático, as roupas assumem uma ou outra função à medida que cada grupo diferente se apropria de cada um dos itens do vestuário. A moda está sempre debochando dela mesma: a gravata grossa passa a ser tradicional demais quando a gravata mais fina vira tendência. O salto altíssimo deixa de ser elegante quando o salto médio é eleito como sendo o mais moderno. O preto é uma cor ligada ao *punk rock*? Ao movimento gótico? Mas é também a cor ligada ao clero, aos juízes de futebol, ao cinema. Preto é uma cor ligada à autoridade ou à modernidade? Depende. E, assim, seguimos, em um eterno fluxo de novidades, tendências, associações e leituras possíveis para roupas, *looks*, cores, modelagem, linhas e formas. Em moda nada é, tudo está.

³⁰ Disponível em: <https://harpersbazaar.uol.com.br/cultura/uma-secretaria-do-futuro-e-marco-fashion-para-as-business-women/>. Acesso em: 12 de setembro de 2021.



Imagem 23: Victoria Beckham em *look* preto³¹ Imagem 24: *Look* preto em fotografia de estilo de rua³²

Mas existe um fator bastante importante que nem sempre levamos em consideração, mas que é sim determinante na hora de fazer essa equação acontecer: a desigualdade de gênero. Essa é uma realidade que está posta há muitos séculos e, por repetição e reafirmação cotidiana, é impossível pensar o mercado de trabalho e a roupa de trabalho sem olhar para isso. Se, como falamos, podemos assumir que a forma como nos vestimos está diretamente ligada ao contexto social, político e cultural em que estamos inseridos, e também a grupos a que queremos pertencer, se vestir para trabalhar tem consequências completamente diferentes de acordo com o gênero.

A masculinidade não é só o símbolo de poder do mundo, ou de capacidade intelectual. A sua “superioridade” é também de ordem estética e visual. É o armário masculino que traz seriedade e credibilidade. E isso é um reflexo direto de como estamos acostumados a ver o homem no mercado de trabalho: ocupando um espaço que naturalmente pertence a eles.

³¹ Disponível em: <https://www.dailymail.co.uk/tvshowbiz/article-7020155/Victoria-Beckham-prepares-jet-chic-oversized-trench-coat-leggings.html>. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

³² Disponível em: <https://howtowearfashion.com/accessories/how-to-wear-bucket-hats-in-spring-summer-fall-winter-trend>. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

A roupa segue como consequência: de tanto assistir a homens de terno ocuparem praticamente todos os espaços de liderança política, nossa associação mental automática – como nos ensinou Barthes (2005) – é de que blazer, camisa, gravata e cores neutras são as roupas certas para o poder. E, não à toa, mulheres, em geral, quando desejam ser lidas como profissionais, atemporais e não “vítimas da moda”, acabam escolhendo, sem se dar conta, peças tradicionalmente masculinas em sua origem – como calças e camisas, suéteres, jeans, camisas de flanela, blazers. E isso não é apenas um reflexo contemporâneo.



Imagem 25: Giovanna Bataglia³³



Imagem 26: Emma Watson³⁴

Essa vontade de usar a roupa para herdar um pouco do privilégio masculino é um movimento bastante antigo: a primeira imperatriz chinesa a governar por conta própria, Wu Zetian, ainda no século VIII, usou mantos imperiais tradicionalmente masculinos não só na sua coroação, mas em todo o seu reinado. Assim como Wu Zetian, a imperatriz japonesa do início do século XVII, Suiko, usou do mesmo artifício. Evidentemente, não podemos nos esquecer de Joana D’Arc, maior símbolo

³³ Disponível em: <https://www.harpersbazaar.com/fashion/trends/g2286/paris-fashion-week-street-style-spring-2013/?slide=4>. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

³⁴ Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/fashion/people/emma-watson-style-hits/saint-laurent-suit/>. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

de que “se transvestir de homem para ser aceita no trabalho” é o que somos ensinadas a fazer desde sempre.



Imagem 27: Joana D'Arc no cerco de Orleães (1886-1890), por Jules Eugène Lenepveu³⁵

O contrário também é importante de ser ressaltado: durante muito tempo, a roupa feminina foi confeccionada para não ser prática. Segundo Diana Crane (2006),

as roupas, em seu papel de comunicação simbólica, tiveram fundamental importância no século XIX, como meio de transmitir informações tanto sobre o papel e a posição social daqueles que as vestiam quanto sobre sua natureza pessoal. Mulheres das classes média e alta dedicavam tempo e quantias enormes pra criar guarda-roupas sofisticados, com o objetivo de se apresentar de forma adequada aos membros de seu grupo social.[...] O ócio aristocrático era considerado a atividade apropriada para as mulheres casadas de classes média e alta. Ao lhes ser negado efetivamente tudo - salvo uma participação muito limitada na esfera pública -, as mulheres eram frequentemente identificadas de acordo com as suas roupas.

Durante muito tempo, as roupas femininas eram extremamente pesadas, tornando impossível se movimentar pela cidade. Na Era Vitoriana, uma roupa

³⁵ Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2018/05/joana-darc-relembre-historia-da-guerreira-e-santa-francesa.html>. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

feminina chegava a pesar quinze quilos. Que ser humano conseguiria trabalhar diariamente, locomover-se com agilidade e passar horas em pé, com uma roupa que pesasse tanto? Impossível. Sem contar a impossibilidade de se vestir e se despir sozinha. De fato, uma roupa feita para que as mulheres ficassem em casa, exercendo seu papel de capital social.



Imagens 28 e 29: Vestidos da Era Vitoriana^{36 37}

E a história da roupa feminina dominante nunca foi mesmo sobre utilitarismo e funcionalidade. Com poucas exceções em períodos de guerra e nas classes mais pobres e escravizadas, as classes ricas e hegemônicas nunca pensaram que em uma roupa feminina feita para ter uma vida ativa. Vale lembrar, inclusive, que, logo após a Revolução Francesa, as mulheres ficaram formalmente proibidas de usar calças. Segundo uma matéria no site da BBC:

Instaurada em 1800, logo após a Revolução Francesa, a lei exigia que mulheres que quisessem se vestir como homens pedissem permissão para a polícia. Na virada do século 20, foi adotada uma emenda na lei, permitindo que as mulheres usassem calças, mas apenas diante de duas situações: “se estiverem segurando um guidão de uma bicicleta ou as rédeas de um cavalo.”³⁸

³⁶ Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/107620>. Acesso em: 10 de setembro de 2021.

³⁷ Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/98242>. Acesso em: 10 de setembro de 2021.

³⁸ https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/02/130204_calca_franca_mdb. Acesso em: 09 de agosto de 2021.



Imagem 30: Ciclista francesa final do século XIX³⁹

Até hoje, as peças feitas para mulheres não têm bolso – e, quando têm, não cabem sequer um telefone –, os sapatos seguem desconfortáveis, modelagem apertadas, comprimentos que dificultam a mobilidade, saias que inviabilizam o passo. Segundo Anne Hollander (1996), o terno foi criado pra ser uma roupa moderna, prática, que se adaptasse bem ao corpo masculino e que trouxesse mobilidade. É justamente essa “roupa da corte” que faz com que o terno seja criado. O terno surgiu junto com a ideia de burguesia. Quando o homem branco com poder passou a precisar trabalhar, movimentar-se, e não só mais viver na corte, o terno foi criado.

O terno surge no período neoclássico da Modernidade como o momento em que os espaços privado e público são definitivamente marcados de acordo com o gênero. A moda feminina e masculina se separam definitivamente justamente neste período em que os papéis sociais de gênero são mais sistematicamente organizados e a burguesia vai se consolidando como a classe mais relevante social e politicamente. Este novo homem burguês aparece em cena usando o terno, uma vestimenta simples, sem muitas cores, prática para andar pelas ruas e fazer transações comerciais e financeiras. E não é por acaso que a teoria estética da época começou a associar formas mais simples de vestimenta com as características tipicamente usadas em referência aos homens. Assim, o terno, esta inovação estética completamente associada à consolidação da dominação masculina branca, é construída como o reflexo tanto da virilidade como da racionalidade. A simplicidade do corte e dos tecidos do terno passaram então a ser tão celebradas quanto os homens no espaço

³⁹ Disponível em: <https://thecabe.com/forum/threads/women-bikes-pictorial.86097/page-18>. Acesso em: 10 de setembro de 2021.

público, ao mesmo tempo em que o desprestígio das roupas elaboradas - com suas anáguas, bordados, golas, punhos, broches e saltos - acompanhou o recolhimento da mulher burguesa ao lar, como um belo enfeite à família. (COTTA; FARAGE, 2021)



Imagem 31: Homem francês na década de 1940⁴⁰

Então, justamente nesse contexto, as roupas masculinas ganham modernidade e funcionalidade, em detrimento de babados e rococó. É também aí, com a força da burguesia e do homem branco, que a moda feminina vai ficando cada vez mais longe da “estética do trabalho” e se tornando cada vez mais decorativa. Novamente, nada disso é bom ou ruim em absoluto. Se a roupa feminina pode ser acusada de falta de praticidade, é possível também dizer que o vestir masculino precisa lidar com a falta de criatividade. O problema começa a existir quando associamos códigos do vestir com códigos de poder.

A primeira vez em que se organizou um pensamento sobre como deveriam se vestir as mulheres em cargos de poder foi nos Estados Unidos, anos 1980, quando as mulheres (brancas, sobretudo) se movimentaram conscientemente para fora do ambiente doméstico e, pela primeira vez, em busca não só de um espaço no mercado de trabalho, mas, principalmente, de espaços de poder ocupados, até então, por

⁴⁰ Disponível em: <https://www.parisiangentleman.com/blog/comment-porter-le-chapeau>. Acesso em: 10 de setembro de 2021.

homens. É dos anos 1980 a estética conhecida como *power dressing* - ombreiras marcadas, pastas estruturadas, calças masculinas e também o famoso *tailleur*.



Imagem 32: *Power dressing* em página de revista na década de 1980⁴¹

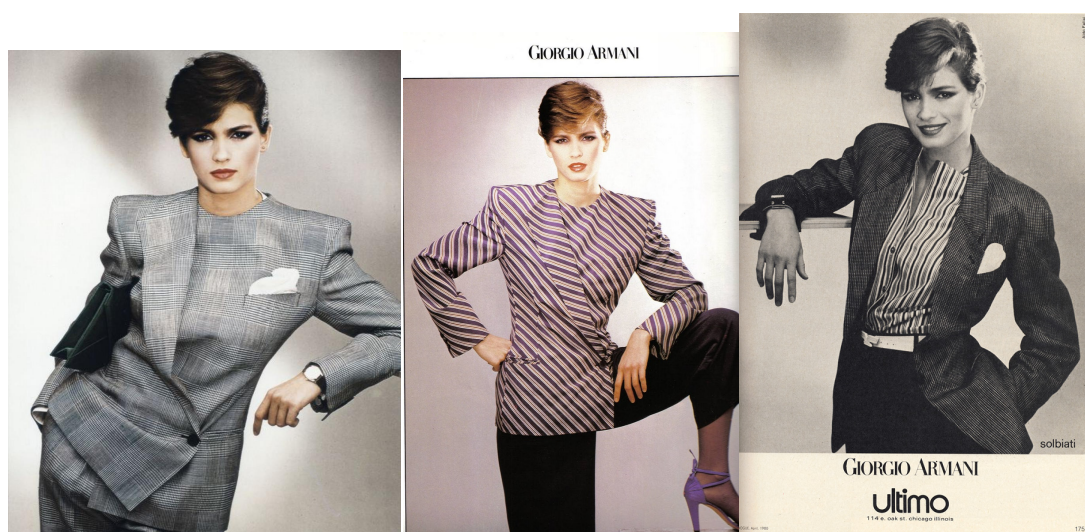
O desejo de ocupar lugares predominantemente masculinos veio colado na ideia de que as mulheres precisavam “se vestir de homem” para conseguir alcançar lugares de poder e para conseguirem, também, manter-se nesses cargos. O *power dressing*, na descrição, era “um terno que se adaptasse às curvas femininas”. É importante lembrar que não há nenhum impeditivo para que mulheres usem um “terno masculino”, mas a moda, como reflexo da vida em sociedade, precisa dizer em alto e bom tom: você não é um deles. E assim foi feito, o *tailleur* feminino, entretanto, nunca ocupou o mesmo lugar de destaque, de neutralidade, e sequer disputou poder com o terno masculino.

A teoria do *power dressing* se torna bem importante nesse estudo porque ela ajuda a tornar palpável a dicotomia que proponho aqui: uma mulher que deseje ocupar um cargo de poder precisa se vestir com códigos masculinos, porém, sem perder de

⁴¹ Disponível em: <http://sharevid.ru/index.php?s=usawoman.wuvely.ru&p=546273-21-ideas-fashion-80s-women-1980s-style-power-dressing.html>. Acesso em: 10 de setembro de 2021.

vista a feminilidade. O *power dressing* nomeia o desconforto e consegue dizer com todas as letras que, na sociedade em que vivemos, mulheres não detêm poder público, logo, tudo que remeta ao feminino irá remeter também à falta de qualidade administrativa, assertividade e liderança. A vestimenta para a mulher ocupar espaços no mercado de trabalho já surge fazendo uma clara referência a quem veio primeiro, pavimentou o espaço e naturalizou a sua hegemonia: os homens brancos.

É possível observar que toda a história da moda feminina no ambiente de trabalho é construída em referência à roupa masculina. A mulher é o outro – ou, como diria Simone de Beauvoir (2014), “A humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo”. A mulher é o segundo sexo, que vive e se mede em relação ao sexo primeiro, o masculino. Logo, a roupa de trabalho segue a mesma lógica, ela não existe de maneira independente e autônoma, foi criada e se perpetua em relação ao masculino.



Imagens 33, 34 e 35: Gia Carangi em campanhas publicitárias de Giorgio Armani na década de 1980⁴²
43 44

Sendo assim, o que separa o peso do vestir para homens e mulheres na política não são referências de moda, tendências ou adequações corporais. Da mesma forma, os espaços de poder são, majoritariamente, masculinos, não por acaso ou por

⁴² Disponível em: <https://www.designer-vintage.com/en/stories/giorgio-armanis-power-suits>. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

⁴³ Disponível em: <https://www.bustle.com/articles/152069-the-evolution-of-the-female-power-suit-what-it-means-photos>. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

⁴⁴ Disponível em: <https://weheartit.com/entry/314277230>. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

coincidência. Quando um homem se veste para ocupar um espaço onde ele é socialmente aceito e estimulado a estar, a roupa reflete exatamente essa suposta neutralidade e pertencimento. As mulheres, ao se vestirem para ocupar cargos onde não é socialmente esperado que elas estejam, vestem-se com códigos masculinos, quase como se, por meio das roupas, elas pudessem acessar um pouco do privilégio do pertencimento e da neutralidade visual.



Imagens 36 e 37: Amal Alamuddin Clooney, advogada, *barrister* e ativista pelos direitos humanos. Na segunda imagem, de 2017, Amal estava grávida^{45 46}

Na política brasileira, os dados tornam a discussão ainda mais clara. Foi apenas na presidência de José Sarney, após os anos de ditadura, em 1986, vinte anos depois que o *smoking* havia ganhado as passarelas, que, às mulheres que trabalhavam no Palácio do Planalto, foi permitido usar calças para ir ao trabalho. Até hoje, advogadas só podem entrar usando calças no Supremo Tribunal Federal se também estiverem usando blazer, o qual é dispensado se elas estiverem de saia. É também importante reforçar que o Brasil é o quinto país do mundo que mais mata mulheres de

⁴⁵ Disponível em: <http://www.starstyle.com/celebrity/amal-clooney/>. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

⁴⁶ Disponível em: <https://www.today.com/style/amal-clooney-s-maternity-fashion-see-her-best-looks-t109109>. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

acordo com o Mapa da Violência de 2015⁴⁷, organizado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso).



Imagem 38: Desfile de smoking da Yves Saint Laurent em 2001⁴⁸

Na estrutura deste estudo, é importante ancorar teoricamente a ideia de que não existe para a mulher contemporânea uma roupa que expresse tanto poder e tanta precisão quanto o terno masculino. Segundo a historiadora estadunidense Anne Hollander (1996), é de fato impossível pensar na vestimenta sem levar o gênero em consideração. Para começar, vale pensar que o terno - e gravata, colete, sobretudo, camisa, paletós, sapatos sociais - é o traje masculino civil padrão em praticamente todo o mundo. Com exceções para políticos de países fora da hegemonia ocidental em reuniões da ONU, a imagem que temos do poder e de formalidade é a de homens de terno.

Durante a pesquisa para este projeto, pude concluir que o terno é talvez a única peça de roupa que mantém o seu significado, o seu poder e sua neutralidade ao longo dos anos. Ao contrário de várias outras peças de roupa que ganharam novos

⁴⁷ <https://flacso.org.br/?p=13485>. Acesso em 09 de agosto de 2021.

⁴⁸ Disponível em: <https://www.vogue.pt/historia-le-smoking-yves-saint-laurent?photo=voguept-le-smoking-ysl9.jpg>. Acesso em: 10 de setembro de 2021.

significados com o tempo – como é o caso, por exemplo, do salto alto, que deixou de ser masculino, tornou-se feminino e já oscilou entre sexy e conservador –, o terno segue o uniforme padrão para homens que ocupam cargos políticos no ocidente: de Barack Obama a Jair Bolsonaro, de Boris Johnson ao Príncipe Philip, de Nicolas Sarkozy a François Hollande, de Hugo Chávez a Justin Trudeau.



Imagem 39: Barack Obama⁴⁹



Imagem 40: Jair Bolsonaro⁵⁰



Imagem 41: Boris Johnson⁵¹



Imagem 42: Príncipe Philip⁵²

⁴⁹ Disponível em: https://www.syracuse.com/news/2011/01/hawaii_lawmakers_want_release.html. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

⁵⁰ Disponível em: <https://www.folhape.com.br/economia/bolsonaro-edita-decreto-que-facilita-criacao-de-peixes-no-pais/165631/>. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

⁵¹ Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/09/07/world/europe/brexit-boris-johnson.html>. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

⁵² Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ultima-hora/mundo/principe-philip-e-internado-por-precaucao-em-londres-apos-indisposicao-1.3048428>. Acesso em: 12 de setembro de 2021.



Imagem 43: Nicolas Sarkozy⁵³



Imagem 44: François Hollande⁵⁴



Imagem 45: Hugo Chávez⁵⁵



Imagem 46: Justin Trudeau⁵⁶

⁵³ Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Nicolas_Sarkozy_\(2015-10-29\)_03.jpg#/media/File:Nicolas_Sarkozy_\(2015-10-29\)_03.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Nicolas_Sarkozy_(2015-10-29)_03.jpg#/media/File:Nicolas_Sarkozy_(2015-10-29)_03.jpg). Acesso em: 12 de setembro de 2021.

⁵⁴ Disponível em: <https://www.rfi.fr/br/geral/20141220-francois-hollande-pode-estar-sendo-traido-por-funcionarios-de-confianca-diz-le-monde>. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

⁵⁵ Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2009/12/324512-venezuelan-leader-violates-independence-judiciary-un-rights-experts>. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

⁵⁶ Disponível em: <https://www.gq-magazine.co.uk/gallery/50-best-dressed-men-in-the-world-2017#ZerBGBaEXnz>. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

CAPÍTULO 3 - UM MANIFESTO

Como Simone de Beauvoir (2014) escreveu, “Ninguém nasce mulher, torna-se”, e isso pode e deve ser lido também quando pensamos no vestir. Ninguém nasce achando que lavar, passar e cozinhar são tarefas consideradas femininas. Saia e salto alto não são peças femininas, *per se*. Isso é um ponto importante para este trabalho: ninguém nasce se sentindo coadjuvante ou disposta a pegar o guarda-roupa masculino emprestado na hora de se sentir relevante no mercado de trabalho. Esse é um comportamento aprendido.

Quando pensamos em comportamento, é preciso pensar em quando esse comportamento se instalou e em quais contingências. Justamente por isso, nos capítulos 1 e 2, respondi a essas perguntas. Entretanto, só isso não é capaz de encerrar o assunto, e a pergunta que eu gostaria de responder agora é: o que hoje ainda mantém esse comportamento?

Através da análise de Margareth Thatcher e também das mulheres contemporâneas na política, é possível observar que o escrutínio com a imagem feminina não melhorou com os anos. Talvez tenha piorado. Se não encontrei com facilidade matérias de jornais que acusassem Thacher de envelhecer, Dilma, por outro lado, sofreu bastante com o etarismo. Se, por um lado, as conquistas feministas vêm ocupando mais espaço, por outro, a onipresença de jornais, revistas, sites, blogs e redes sociais tornou cada aparição feminina ainda mais difícil e comentada.

Durante as eleições de 2020 para as prefeituras brasileiras, Manuela d'Ávila foi acusada várias vezes de se vestir de maneira mais formal para “não parecer comunista”. Seu corte de cabelo foi comparado ao de Michele Bolsonaro para acusá-la de uma guinada visual conservadora. Vale lembrar que Manuela d'Ávila sempre usou esse corte e, nas eleições anteriores, quando ela não fez nenhuma adequação visual para concorrer à vice-presidência, ela também foi alvo de críticas. Ao mesmo tempo, Guilherme Boulos também viveu uma revolução de estilo ao concorrer à prefeitura de São Paulo também em 2020. Mudou os cabelos, a barba, ajustou as roupas, melhorou toda a sua aparência e, mesmo com muita pesquisa, não pude encontrar sequer um único ataque à sua imagem.



Imagem 47: Manuela d'Ávila e Guilherme Boulos⁵⁷



Imagem 48: Guilherme Boulos em passeata de campanha em 2020⁵⁸



Imagem 49: Guilherme Boulos em campanha em 2020⁵⁹



Imagem 50: Manuela d'Ávila em 2020⁶⁰

⁵⁷ Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Celebridades/noticia/2020/08/manuela-davila-comemora-39-anos-e-recebe-parabens-de-personalidades-nas-redes.html>. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

⁵⁸ Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/justica-determina-bloqueio-de-videos-de-russomanno-contra-boulos/>. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

⁵⁹ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/matheus-leitao/boulos-o-maior-fenomeno-eleitoral-de-2020/>. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

⁶⁰ Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Celebridades/noticia/2020/08/manuela-davila-comemora-39-anos-e-recebe-parabens-de-personalidades-nas-redes.html>. Acesso em: 12 de setembro de 2021.



Imagem 51: Manuela d'Ávila, em 2018 ⁶¹



Imagem 52: Manuela d'Ávila, em 2020⁶²

Sem foice e martelo: Manuela adota visual conservador

Candidata do PCdoB chegou a ser comparada à Michelle Bolsonaro

Imagem 53: Manchete do portal de notícias pleno.news: “*Sem foice e martelo: Manuela adota visual conservador*”⁶³

A Manuela D'Ávila tá querendo parecer as
"ultraconservadoras"? O lute como uma mulher não
implica em parecer um neandertal descabelada?

Imagem 54: Trecho de um tuíte comentando a aparência de Manuela nos materiais da campanha de 2020 ⁶⁴

⁶¹ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2020/11/4888919-em-porto-alegre-manuela-davila-deve-ir-ao-2-turno-com-mdb.html>. Acesso em: 10 de setembro de 2021.

⁶² Disponível em: <https://twitter.com/cnnbrasil/status/1316152608562860033>. Acesso em: 10 de setembro de 2021.

⁶³ Disponível em: <https://pleno.news/brasil/eleicoes-2020/sem-foice-e-martelo-manuela-adota-visual-conservador-e-web-repercuta.html>. Acesso em: 10 de setembro de 2021.

⁶⁴ idem

Essa é aquela Manuela D'Ávila, a comunista?
Quase me enganou!
Lembram-se dela comungando na missa com Haddad, o
poste?
O que a pessoa não faz para vender uma imagem... 🤔



Simple coincidência ou um disfarce para vencer

Não acredite na embalagem, o Conteúdo é Comunista

Ele são capazes de qualquer coisa para vencer, até se disfarçarem de bons
MANUELA D'AVILA NÃO
[#ManuelaDavilaNao](#)



Confesso que estou perplexo dessa transformação da
Manuela d'Ávila em conservadora, recatada e do lar.



A comunista Manuela D'Ávila larga na frente em Porto
Alegre
Cabelo à la Michele Bolsonaro de Manuela.
Mudou apenas a identidade ou mudou também o
conteúdo?

Na análise de [@polibioabraga](#)



Imagens 55, 56, 57 e 58: Outros tuítes sobre a aparência de Manuela d'Ávila em 2020⁶⁵

⁶⁵ ibidem

CONCLUSÃO

A conclusão pode parecer ter um viés pessimista: não há o que fazer. A roupa não resolve o desequilíbrio de gênero da política e, tampouco importa o que vestirão, mulheres terão sempre suas imagens rechaçadas. No entanto, escolho olhar por outro prisma e propor justamente o contrário: se não há roupa segura, neutra e capaz de fazer com que mulheres sejam poupadas dessa análise minuciosa de imagem, por que não ouvir essa limitação como um convite à liberdade? Se peças masculinas, cores neutras e tecidos encorpados não pouparam a presidenta Dilma de ser acusada de engordar e ser velha, por que será que mulheres ainda se encolhem para caber no *dress code* imaginário de aprovação social?

O caminho é longo, mas falar sobre ele é importante. Certamente, não é fácil optar por questionar códigos, convenções, tradições e lugares de poder. Mas é preciso. Como consultora de moda, entendo que não basta ajudar uma mulher a se vestir para um cargo político, é preciso ajudá-la no letramento da imagem que ela irá carregar. É preciso que ela saiba defender, e defenda, sua liberdade, sua personalidade e sua singularidade. Do contrário, não importa como ela irá se vestir, a roupa será sempre um fardo.

A neutralidade é e ainda será, por muito tempo, um privilégio masculino. O terno segue e ainda seguirá por muito tempo um símbolo de poder e adequação, mas sou otimista. Acredito justamente que será através dessa ausência, da falta de um *look* que seja tão unânime e atemporal quanto o terno, que virá a revolução feminina na política. Não é preciso ser como eles para ocupar lugares de responsabilidade e liderança. Pelo contrário.

É preciso encontrar outras maneiras de governar, de vestir, de falar, de pensar. É através da criação e da inovação que novos caminhos, certamente mais interessantes, serão construídos. O desejo é que, na falta de uma roupa que mimetize, a liberdade encontre espaço também na “roupa de trabalho” – e não só para criar um *dress code* feminino cheio de força, poder e neutralidade, mas para garantir que cada mulher possa se vestir de si mesma e seguir governando sem que isso seja, sequer, um tema fora dos círculos de moda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBER, Elizabeth W. **Women's Work: the first 20,000 years - Women, Cloth, and Society in Early Times.** Nova Iorque, W. W. Norton & Company: 1995

BARTHES, Roland. **Inéditos vol.3 - imagem e moda.** São Paulo, Martins Fontes, 2005.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo.** Rio de Janeiro, Nova Fronteira: 2014.

COTTA, Mayra e FARAGE, Thais. **Mulher, roupa, trabalho: como se veste a desigualdade de gênero.** São Paulo, Paralela: 2021.

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas.** São Paulo, Editora Senac São Paulo: 2006.

HOLLANDER, Anne. **O sexo e as roupas: a evolução do traje moderno.** Rio de Janeiro, Rocco: 1996.

MOLINA, Luci; MATHIAS, Milla; KOBAYASHI, Sergio. **Guia de Estilo para Candidatos ao Poder: e para quem já chegou lá.** São Paulo, Editora Senac São Paulo: 2012.

MOLLOY, John T. **Dress for Success.** Nova Iorque, Grand Central Publishing: 1976.
_____. **The Woman's Dress for Success Book.** Nova Iorque, Warner Books: 1978.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu.** São Paulo, Tordesilhas: 2014.

YOUNG, Robb. **Power Dressing: First Ladies, Women Politicians and Fashion.** Londres, Merrell Publishers: 2011.